TURTLE TIMES

A Fundação Tartaruga é uma ONG focada na proteção e conservação de tartarugas marinhas, mas isso não significa que fiquemos indiferentes a outros animais. No dia 6 de Setembro, por volta das 10h recebemos uma chamada no escritório: há mais de 200 golfinhos encalhados na praia de Varandinha, na costa oeste da ilha. É uma praia remota acessível através da localidade de Povoação Velha (mais antiga da Boavista) e a protecção das tartarugas é feita pela organização local AVPV, um dos nossos parceiros. Um pescador passando de barco deu o alarme quando viu os animais na praia. Imediatamente pegámos nos telefones e começamos a mobilizar pessoal, equipamento e transporte o mais rápido possivel pois todos o minutos contam. Fomos informados que ONGs e as autoridades governamentais também estavam a mobilizar já que o grande número de golfinhos precisariam de toda a ajuda possível! Fundação Tartaruga, Cabo Verde Natura 2000, Bios CV, Maralliance, DNA, Áreas Protegidas, Polícia, quem quis ajudar (locais e turistas) e muito mais! Foi uma longa viagem com os nervos em franja e, embora estivesse ensolarado e quente, as nuvens iam aparecendo o que significava mais chances de sobrevivência para os animais encalhados. Por uma "estrada" esburacada através de hortas e dunas finalmente chegamos ao local. Um grupo do que parecia ser baleias-piloto nadava perto da costa, as suas barbatanas dorsais negras aparecendo entre as ondas e na areia, perto da linha de água, vimos o que não queríamos ver. Sete baleias-piloto jazem mortas na margem enquanto são vigiadas pelo resto do grupo (cerca de 30). Já havia muitas pessoas em cena e começamos a entender a história. Felizmente não eram 200, mas cerca de 35-40, e também não eram os golfinhos comuns, mas baleias-piloto (pertencem à família dos golfinhos cientificamente falando).

Ficaram presas na praia e os primeiros a ajudar foram turistas que faziam os populares passeios de moto 4. Trabalharam bastante para colocar estes cetáceos de volta na água e conseguiram fazê-lo mas o calor, a exaustão e o stress mataram os sete que se encontravam na praia. Pouco poderíamos fazer agora portanto todos se reuniram para observar as baleias restantes nadando por perto e para recolher dados cientificos dos animais mortos. Comprimento e largura foram registados com algumas baleias-piloto chegando a até 4 metros de comprimento! O veterinário municipal, com a ajuda da equipa das ONGs, recolheu amostras de tecido para serem enviadas para a organização MARCET que realizará testes genéticos. Parecia que o trabalho estava feito quando outra baleia morta chegou à praia trazida pela maré. Enquanto isso, as pessoas começaram a deixar o local e, pouco depois, começamos a notar o grupo de baleias-piloto cada vez mais perto da praia. Só podíamos tentar adivinhar o porquê mas uma teoria era que não queriam deixar para trás os membros mortos da sua família. Estes cetáceos têm grupos sociais muito complexos e funcionam como um grupo familiar muito unido com laços profundos entre eles. Decidimos então tentar ajudar e cerca de 12 pessoas entraram na água para tentar assustar as baleias para longe da praia fazendo barulho e batendo na água já que estes animais são bastante sensíveis ao som. Foi uma tarefa difícil devido às ondas enormes, fortes correntes, rochas escondidas e claro, baleias em pânico. Por longos minutos lutámos contra o mar para tentar manter os animais longe mas com pouco sucesso pois estavam determinados a juntar-se aos seus parentes mortos. Foi como uma dança entre o grupo e nós: enquanto tentavam contornar nosso “escudo humano” iamos cortando o caminho que levava á praia. Depois de um tempo afastaram-se um pouco das águas baixas e voltamos à praia, exaustos, esperando que a situação continuasse a melhorar enquanto as baleias-piloto se moviam em direção ao mar aberto. Mal sabiamos como estávamos errados…

TURTLE TIMES

Voltámos para os carros junto á Estrada e conversámos sobre o “porquê” e o “como”, e relaxámos pensando que estava acabado. Havia apenas algumas pessoas na praia quando de repente ouvimos gritos de quem estava junto da água. Corremos de volta para a praia e nossos corações pararam. As baleias tinham virado para a costa,onde as ondas as empurraram para as rochas e encalharam de novo. Esta zona da praia é uma grande secção de areia com uma pequena área rochosa no meio: precisamente onde as baleias-piloto estavam presas. Observamos com horror os animais empilhados em cima das rochas e em cima uns dos outros, lutando como peixes fora de água tentando voltar ao mar. Batiam com seus corpos com força contra as rochas afiadas e logo apareceram feridas ensanguentadas enquanto algumas baleias que não estavam encalhadas nadavam por perto. Os nossos instintos diziam para tentar ajudar os pobres animais mas nossa própria segurança estava em risco. Ondas fortes e pedras afiadas, sem mencionar os imensos corpos que lutavam e se contorciam, alguns deles pesando mais de 1000kg. Uma distração poderia significar um golpe de cauda ou ficar preso debaixo de uma das baleias o que poderia causar sérios danos, ou pior. No entanto não poderíamos ficar a ver estes magníficos animais a morrer diante de nossos olhos e aos poucos que começamos a tentar arrastar as baleias de volta para a água. Os animais estavam cansados o que tornava nosso trabalho mais fácil mas ainda assim, mover algumas centenas de quilos de baleia sobre uma área rochosa não era uma tarefa fácil. Demorou algum tempo até encontrarmos a técnica correta (a única maneira de fazê-lo na verdeda) ao usar lençóis para puxar o animal pela cauda de volta para águas profundas.

Trabalhávamos pouco a pouco, esperando a água das ondas aliviar o peso apenas o suficiente para que pudéssemos puxar alguns metros. Assim que estávamos com água pelos joelhos ficava um pouco mais fácil e as ondas a rebentar eram agora o principal problema. Mesmo as pobres e desorientadas baleias não ajudavam e descobrimos que se as soltássemos muito perto da costa elas voltar a juntar-se aos seus companheiros encalhados. Tinhamos que ir para águas mais profundas e depois de virar a baleia-piloto para o oceano ficávamos por perto para garantir que não voltava á praia. Trabalhámos em 2-3 equipas de 6+ pessoas e nada nos parva. Durante o resgate começou a chover intensamente: bom para as baleias mas não tanto para nós. Algumas horas depois, feridos e exaustos observámos o grupo reunido na água. Infelizmente uma das jovens baleias não sobreviveu, as causas da morte são desconhecidas mas talvez uma mistura de stress e ferimentos. Nesta altura os nossos olhos estavam fixos na água esperando que as baleias não ficassem encalhadas novamente. Alguns barcos, incluindo a Polícia Marítima, juntaram-se ao resgate e trabalharam como escudos entre os animais e a praia. Sabíamos que nosso trabalho em terra estava feito e que a equipa nos barcos se certificaria de que os animais estivessem seguros. Depois de sangue, suor e lágrimas, juntamente com todas as emoções, não há palavras para descrever o sentimento. Lamentamos por aqueles que não sobreviveram, mas olhamos para as baleias-piloto nadando à distância com sentido de missão cumprida e que fizemos tudo o que podíamos por esses belos animais.

Contribuições fotográficas: Bayu Sandi, Roberto Fortes, Dorivaldo Evora